

Milton/Yauaretê

A fera musical da América

Jorge Arbach

A fera está solta. Pronta pra "onçar sertão e mundo inteiro" e avisa "está na hora da onça beber o seu... Vou dançar com a lua lá no céu". Milton Nascimento sabe que é um homem comum, um homem do sol, um african man, um south american man. Enfim, é tudo que der pra ser. E segue o seu destino, como um Yauaretê, onça verdadeira, a fera mais terrível da América. Milton, é a fera musical da América. Desde criança já sabia que ia mexer com música, nunca se enganou. A música caminha com Milton como a sua alma.

"Yauaretê", seu novo disco, primeiro pela CBS, é o salto da fera, é o canto da esperança, que Milton prefere não perder, "porque o dia que eu perder a esperança paro de cantar, minha vida acaba".

Milton sabe que "o artista é o arauto da liberdade". Por isso, esse vendedor de sonhos, profissão viajante, caixeiro que traz na bagagem repertório de canções... invadindo os quartos, as salas, as janelas e os corações... vendendo os seus sonhos, em troca da fé ambulante, quer ter no final da viagem, um caminho de pedra feliz... É a única coisa que vejo, garante Milton, são pessoas lutando em interesse próprio, brigas de partido. Todo mundo que está lá em cima, no Poder, prometeu cuidar do Brasil, afirmando que a população teria participação. E eles não estão fazendo nada do que foi prometido, nada do que foi falado, já que as palavras, que foram colocadas várias vezes, o vento levou sabe Deus para onde.

Milton, agora quer atos e fatos. "Estou com as coisas todas abafadas aqui dentro, com uma sensação muito triste. E vou te dizer uma coisa, se não gostasse tanto do povo da minha terra, eu teria ido embora daqui".

E agora, em parceria com

Fernando Brant, cobra: "Foi por ter posto a mão no futuro, que no presente preciso ser duro, que eu não posso me acomodar, quero um País melhor. Alguma coisa nova tem que pintar, porque do jeito que estão as coisas, não está dando mais para agüentar".

"Yauaretê" traz o canto da fera, vida e paixão, sonho e esperança. Tantos anos de voz nas estradas ensinaram a Milton viver seu destino. Sua voz é um instrumento que amarra todos nós. Cada canção reflete um momento seu que chega nas pessoas com a mesma intensidade que Milton está querendo botar pra fora. "Ai não tem barreira de língua, não tem barreira de chão, não tem nada, em qualquer parte". É emoção pura.

Em "Yauaretê", Milton está cercado por feras como Paul Simon (dueto com Milton em "O Vendedor de Sonhos"), Wayne Shorter (sax em "Mountain"), Herbie Hancock (arranjo e teclados em "O Vendedor de Sonhos" e piano solo em "Mountain"), além de Don Grusin, Alex Acuña, Eric Gale, John Keane, Neal Stubenhaus, Larry Williams, Nelson Ayres, Rique Pantoja, Robertinho Silva, Túlio Mourão, Arthur Maia, Heitor T.P., Celso Fonseca, Marçal, e da Uakti-Oficina Instrumental (Marco Antônio Guimarães, Décio Ramos, Paulinho Santos e Arthur Andrés).

Mas, o maior desejo de Milton, em toda a sua carreira, desde que se entende por gente, é gravar com Miles Davis. "Ele virou uma lenda para mim". Dá pra sentir o que pode sair dessa união, desses dois corações batendo juntos. Quem viver, ainda verá!

Por enquanto, é aproveitar e viajar na musicalidade densa e instigante de "Yauaretê". Milton, cada vez mais avança. Não há limites para seus sonhos. (Jorge Sanglard)



"Desde criança eu sabia que ia mexer com a música. Nunca me enganei, nem minha família. Todo mundo já sabia que era música mesmo. Acontece que a música caminha comigo como a minha alma"



"A música caminha comigo como a minha alma"

Apesar de cercado por feras em "Yauaretê" (como Paul Simon, Herbie Hancock, Alex Acuña, Don Grusin, Wayne Shorter) você afirmou que o seu maior desejo, em toda a sua carreira, desde que você se entende por gente, é gravar com Miles Davis. Chegou mesmo a dizer que "pra mim é a maior expressão viva de música em todos os sentidos", para que esse encontro se realize falta o quê?

Milton: — Quando ele toca aquele instrumento é como o grido... É como se aquele grito estivesse de dentro de mim. E quando eu comecei a tomar conhecimento do jazz me liguei em muitas coisas. Mas, de repente, o dia que ouvi o Miles, pela primeira vez, parecia que tudo que eu esperava em termos de música estava ali. Comecei, principalmente na casa do Nivaldo Ornelas, em Belo Horizonte, a procurar ouvir todos os discos do Miles e, cada coisa que ia ouvindo, mais ficava impressionado. Tanto com ele tocando quanto com o lance progressista dele; numa época daquelas, tocar com John Coltrane, depois de tocar com a orquestra de Gil Evans, e aí ainda vem a ligação muito grande com a Espanha, que é uma coisa que eu sempre senti. Sempre achei que Miles virou uma lenda para mim, é uma das poucas lendas que tenho, e quero realmente chegar perto. Quero ver onde vai parar, com esses dois corações batendo juntos.

Pode sair um disco daí?
Milton: — Está na minha vontade, mas Miles é um cara que não é muito fácil, nem podia ser. Isso depende mais dele do que de mim, porque a hora que ele falar, se algum dia ele falar, que quer, eu largo qualquer coisa que estiver fazendo para ir e tocar com ele.

Hoje tem muita gente largando qualquer coisa para tocar com Milton. Nesses 20 anos de travessia você tem mostrado que é uma fera, um verdadeiro Yauaretê. Você nasceu para a música?

Milton: — Desde criança eu sabia que ia mexer com a música. Nunca me enganei, nem minha família, nem nada. Todo mundo já sabia que era música mesmo. Apesar de morar em Três Pontas, que naquela época era longe, a estrada era de terra, sabia que ia sair e que ia procurar... Se ia vencer, só Deus sabia, mas eu ia tentar. Acontece que a música caminha comigo como a minha alma, por isso e pelo fato de cada canção refletir um momento meu, chega nas pessoas com a mesma intensidade que estou querendo botar pra fora e aí não tem barreira de língua, não tem barreira de chão, não tem nada, em qualquer parte.

Você apareceu numa época em que todo mundo estava brotando, com mil experiências diferentes, não tinha o som pasteurizado. Hoje é mais difícil a pessoa nova ser ouvida?

Milton: — Se me inscrevesse hoje num festival da canção, eu não apareceria. Talvez nem fosse classificado nem nada. Realmente está muito difícil para os músicos, principalmente, mas está difícil também para os cantores. A gente tem que matar um leão por dia. Tem hora que gostaria de estar em casa para pensar, repensar, ter mais tempo de lazer com os meus amigos, meus parceiros, esse lazer também é trabalho, e não posso. Por mais que eu goste da estrada, tem hora que tenho que ir para a estrada porque a minha sobrevivência como compositor é nula. O direito-autoral no Brasil é um horror. E a situação está se tornando difícil também para o cantor porque está tudo muito caro. Por exemplo, eu jamais sairia para qualquer lugar, seja uma cidade do interior seja Nova Iorque, para cantar se não estivesse com todo o equipamento, com os mesmos músicos, com os dois microfones especiais que eu uso. Não vou para qualquer lugar se não for para fazer o mesmo som que faço em qualquer parte do mundo. Isso implica em muita gente trabalhando comigo e aí, fica difícil ir a certos lugares, porque não dá.

O Nivaldo Ornelas disse que, ainda hoje, o caminho do músico instrumental é o aeroporto, porque lá fora há mercado.

Milton: — Em termos de músico instrumental é mais difícil ainda e tem uma outra coisa, o músico brasileiro não fica a dever para ninguém de parte alguma do mundo. Cada um tem o seu toque, o Herbie Hancock, por exemplo, é um pianista que tem a maneira dele tocar, e um outro pianista brasileiro tem um outro jeito de tocar, mas é da mesma categoria do músico internacional. É terrível ver um País como esse, onde o músico inclusive se forma por esforço próprio, porque não tem escola, nem nada. O Brasil é um desamparo total, e com tantos músicos fantásticos tendo que tocar qualquer coisa, sem poder desenvolver seu trabalho próprio, é muito triste.

A massificação bitola a cabeça das pessoas e a música também. Você mesmo disse que criaram um tipo de música que é tudo a mesma coisa. O que determina essa política para a área musical?

Milton: — Se estabeleceu um negócio de categorias de músicas. Então, dentro dessas categorias, só aquele tipo de som é que é aquilo. O rock é uma coisa, o pop é uma coisa, não-sei-o-que é uma outra... Quando não é nada disso, você viajar em várias áreas. Aliás, o lan-

ce da arte é justamente a liberdade, o artista é o arauto da liberdade. Quando ele se prende, ele tolhe a arte, isso é mais um crime. Se for pra botar culpa, a culpa é geral, é do mundo, porque as pessoas não querem abrir os olhos para as coisas que estão aí. De repente, pode ser que se abra um pouco mais, tenho esperança de um pouco mais de abertura, em termos de música, porque os próprios músicos — eu digo esses músicos que estão fazendo esse tipo de música que é tudo a mesma coisa — já estão cansados e não estão encontrando tanta resposta no seu público. Eles estão procurando alguma coisa, alguns acertaram, outros fazem besteira, mas pelo menos estão procurando. O problema é que, de repente, pelo fato de um Paul Simon fazer um belo trabalho com o pessoal da África, todo mundo vai para a



"O lance da arte é a liberdade, o artista é o arauto da liberdade"

África e aí sai um monte de porcaria... É uma loucura... O mundo é muito confuso...

O Free Jazz Festival tem sido um evento com regularidade que reúne músicos brasileiros e estrangeiros. E o nível de profissionalismo tem aumentado a cada ano. Isso é um bom avanço?

Milton: — Realmente tem sido importante, como é importante qualquer manifestação musical que possa mostrar o artista estrangeiro aqui pra gente, como mostrar o artista brasileiro pra gente também e pro povo de lá sacar. Inclusive, o Free Jazz, se pudesse, não deveria ficar restrito só ao eixo Rio-São Paulo. A gente vai para fora daqui e toca às vezes em cidadezinhas, em lugares históricos, em ruínas, em locais transformados em tremendos anfiteatros. Aqui, no Brasil, tem tanto lugar, desde Ouro Preto à margem do Rio Ne-

gro, tem mil lugares que a gente pode usar, tem mil coisas por aí... Mas acho que chega lá, entendendo a parte das pessoas que organizam o evento porque envolve muito dinheiro e muita dificuldade trazer o pessoal para cá.

A inclusão de Belo Horizonte no Free Jazz, pelo lado do potencial de público e da infra-estrutura, seria uma forma de ampliar o evento? E você, toparia participar do Free Jazz?

Milton: — Nesse caso de Belo Horizonte, gostaria mais que fosse numa cidade histórica, perto de Belo Horizonte, inclusive para que as pessoas conhecessem uma outra coisa do Brasil. Agora, quanto à minha participação, é lógico que eu participo, não tenho nada contra, eu participo lá fora, por que não participaria aqui?

O Brasil é uma grande democracia musical? A música aqui é música antes de mais nada, o contato erudito/popular é automático, não termina nunca?

Milton: — Aqui é um país que quem dividiu em estados parecia que sabia o que estava fazendo. Em cada um, mesmo que esteja do lado, gradudinho um no outro, a cultura é diferente, o modo de falar, o artesanato... A alma é a mesma, mas o lance que aparece mais é diferente. E o País mais rico, é tão grande, com tanta coisa, e o povo é muito musical. Então, o preconceito musical fica mais por conta das patrulhas do que do povo. Me baseio por mim, quando morava em Três Pontas eu ouvia e cantava tudo que gostava, só foi saber que existia esse preconceito quando vim para a cidade grande. As músicas do Villa-Lobos são todas baseadas no canção popular. Então é realmente uma grande democracia, que a tal da minoria teima em dizer que não, mas é. Musicalmente é.

A música brasileira é um grande caldeirão, onde tem todas as influências. O grande mérito é saber incorporar alguma coisa de fora, mantendo o nosso colorido, sem abdicar da nossa cultura?

Milton: — O Brasil é um País onde a mistura é tão forte que, todas as influências, que vierem nas coisas feitas honestamente, virão para acrescentar, mas nunca para esmagar. O que pode esmagar a cultura brasileira é mais o povo brasileiro mesmo, que não preza por aquilo que tem. Medo de influência esmagar eu não tenho nenhum.

A sua "Carta à República" é uma cobrança política. Afinal, o que fizeram com o nosso sonho.

Milton: — Essa "Carta à República", faço questão de frisar, não é apenas

uma faixa a mais de um LP de um cantor, que você põe a agulha, deixa tocar e diz: é muito bom, mas não sei-o-que. Não, a gente quer resposta mesmo. Só que a gente não quer resposta em palavras não, porque estas já foram colocadas várias vezes e o vento levou sabe Deus para onde. A gente quer atos e fatos.

Agora, se você me perguntar de onde se pode esperar alguma coisa, te digo que nesse quadro atual do Brasil eu não confio em ninguém, eu não vejo ninguém para quem eu possa dar o meu apoio, mesmo que não seja em palanque, mas pessoalmente. A coisa tem que ser revista, e eu não sei de que maneira. Só sei que está mal, tudo... Geral... Tem que aparecer alguém novo não sei de onde... Alguma coisa nova tem que pintar porque, do jeito que estão as coisas, não está dando mais pra agüentar.

Ao contrário do que acontece no Brasil, o verdadeiro papel do Estado não é estar a serviço da sociedade?

Milton: — Ninguém agüenta mais, está perigoso, o Brasil está a beira de um derrame geral, a violência está aí escancarada. Está acontecendo tanta coisa provocada pela má gestão desse nosso País, e continua a fome, pessoas morrendo por doenças que são curáveis, além da degradação, do desrespeito, da destruição do País. Então, chegou a uma situação que está dando muito medo. Estou com muito medo, porque uma coisa que não quero ver é morte... Ver loucura... E acontece que a loucura está aumentando cada vez mais, e a violência está aumentando... Eu não sei rapaz, o pessoal tem que pensar logo... Rapidamente, porque já está tarde demais. Mas prefiro não perder a esperança, porque o dia que eu perder a esperança paro de cantar minha vida acaba.

A Constituinte pode ainda ser um canal para tentar romper com a atual situação de descompromisso com o povo?

Milton: — Todo mundo que está lá em cima, no Poder, tanto os constituintes quanto o Presidente, todo mundo prometeu cuidar do Brasil. Inclusive, de que a população teria participação nessa coisa, que é o direito. É a única coisa que eu vejo são pessoas lutando em interesse próprio, brigas de partido.

Realmente, eles não estão fazendo nada do que foi prometido, nada do que foi falado. Acontece que essa irresponsabilidade está criminosa. Então, eu estou com as coisas todas abafadas aqui dentro, com uma sensação muito triste. E vou te dizer uma coisa, se não gostasse tanto do povo da minha terra, eu teria ido embora daqui.

Jorge Sanglard

DOIS